

O protagonismo na velhice de uma subjetividade tratada como figurante

Paula de Almeida Costa

Introdução

Com o aumento da expectativa de vida, são várias as construções teóricas e científicas a respeito do envelhecimento. São muitas e variadas as prescrições, como alimentação saudável, rotina de exercícios físicos, exames médicos periódicos, construção de reserva muscular e neuronal, planejamento financeiro para aposentadoria, plano de saúde, entre outros. Mas e quando tudo isso está em dia e, ainda assim, não parece ter sido suficiente para a provisão de uma velhice com bem-estar?

A autora Guita Grin Debert (1999 *apud* Barbieri, 2014, p. 145) traz o conceito de “reprivatização do envelhecimento” para se referir à ideia comum à geriatria e gerontologia de que, seguindo as recomendações dos *experts*, o indivíduo teria uma velhice saudável e, além disso, qualquer falha nesse processo seria de responsabilidade exclusivamente individual, dado que a pessoa em si é a principal responsável pelo seu bem-estar. Dessa forma, a ideologia contemporânea sobre o envelhecimento reside em um discurso de que só não será feliz na velhice aquele que não quiser ou aquele que não seguir o que lhe é ensinado.

Nesse sentido, as questões subjetivas da história de vida de um sujeito parecem não ter espaço dentro da lógica biomédica quando o assunto é “como ter uma velhice saudável”. Dentro de um contexto sociocultural no qual a medicina assume valor de fonte da Verdade, essa lacuna às subjetividades pode ser ainda mais angustiante para aqueles que fazem “tudo o que deveriam ter feito” e ainda estão em sofrimento psíquico. Diante disso, através de fragmentos clínicos sobre um caso que acompanhei, este trabalho busca refletir sobre até que ponto é possível efetivamente se preparar para a velhice.

Desenvolvimento

Apresentação

Miguel é um homem de 73 anos de idade, casado, possui dois filhos adultos, engenheiro, inteligente, bastante racional e crítico, goza de boa saúde física, mas nos últimos 4 anos passou a apresentar problemas de memória e uma rotina sem vivacidade, empobrecida. Apesar de já estar tecnicamente aposentado há certo tempo, Miguel parece que nunca se imaginou sem trabalhar e até meados da pandemia de COVID-19 seguia realizando projetos como autônomo para uma empresa na qual trabalhou durante muitos anos.

Com a exigência do trabalho remoto no contexto pandêmico, as idas ao escritório não aconteciam mais e isso era uma parte importante do seu prazer associado ao trabalho, que, para além de uma fonte de renda, representava uma fonte de socialização. Por outro lado, com a possibilidade do trabalho à distância, Miguel foi se dando conta do desgaste que o deslocamento até o escritório representava, uma vez que despendia mais de 3 horas por dia para ir da sua residência ao local de trabalho.

Mesmo com o final da pandemia, apesar de sentir falta dos colegas, Miguel falava do cansaço do deslocamento e também passou a alegar que os projetos que estavam chegando eram tediosos, pouco desafiadores. Ao longo da sua vida profissional, tornou-se referência técnica em temas importantes no seu campo de atuação e lhe fascinava o desafio criativo de novos projetos. Diante da ausência de propostas que lhe eram interessantes, gradativamente deixou de trabalhar.

Esse delineamento é importante, pois, quando o acompanhei, embora ele não exercesse atividade profissional, a esperança de retornar a fazer os tais projetos desafiadores ainda persistia e o colocava em uma postura de espera; espera de um convite, de um telefonema, de um *e-mail* de algum ex-colega de trabalho convidando-o para executar um novo projeto que lhe brilhasse os olhos. Eram constantes as lembranças e falas relacionadas a trabalhos exitosos do passado e, com menos frequência, mas também verbalizados, expectativas de novos projetos a partir do que ele escutava ou lia na mídia.

Um outro tema bastante presente na velhice de Miguel, mas pouco falado outrora, era a sua infância. Teve uma vida muito dura, de origem muito pobre e, até aquele momento, Miguel parecia não ter tido tempo nem espaço mental para pensar e sentir as dores da infância. Filho mais novo de uma família grande, ficou órfão de pai ainda criança. Com a morte do provedor da família, por vezes ele teve que se alimentar apenas de café e farinha de mandioca, pois não havia outras possibilidades. Diante da dura realidade da pobreza, sua mãe decidiu que seria melhor que o caçula fosse criado pela sua irmã e cunhado que moravam na capital e contavam com maiores recursos financeiros.

Segundo Miguel, essa foi a maior desgraça que aconteceu em sua vida: ter sido afastado dos irmãos, da mãe e, ainda, para viver como empregado doméstico na casa da tia. Não que ele tivesse parado de ir à escola, mas a sua infância no ambiente seguro e afetuoso que lhe era conhecido lhe havia sido tirada para sempre.

Essa perda lhe deixou marcas no corpo, uma vez que adquiriu, desde então, uma alopecia nervosa que lhe rendeu uma calvície precoce. Ao longo da sua vida, estudou (muito!) e trabalhou (e muito!) e, de fato, conseguiu estabelecer na vida adulta uma situação financeira confortável.

Aos 73 anos, a dolorosa memória do afastamento da mãe e dos irmãos na infância se fazia presente, sendo uma história repetida com bastante frequência no dia a dia da sua velhice. Aos ouvidos de quem escutava, uma mistura de ressentimento e tristeza davam sinais de que essa perda estava tentando ser elaborada, mas com dificuldades. Debaixo de toda a racionalidade de compreender a decisão de sua mãe como uma tentativa de provisão de um futuro com mais oportunidades, Miguel parecia

ocultar a raiva da genitora (que tanto amava) por ter sido o único a ser afastado do seio familiar com tão pouca idade.

Ao longo dos últimos anos, passou a apresentar episódios de esquecimento de eventos recentes (lugares novos e experiências recentes que não se recordava). Foi ao neurologista, realizou todos os exames e testes protocolares, mas nada foi encontrado; pelo contrário, um raciocínio afiado foi cientificamente constatado. Assim, de um lado Miguel apresentava problemas de memória sobre a realidade presente e, de outro, expressava vividez sobre as memórias do sofrimento pueril e do sucesso profissional na vida adulta. Descartadas as possibilidades de problemas orgânicos, restava a hipótese de questões subjetivas atuando nessa gangorra mnêmica.

Articulação teórica

Para evidenciar o descompasso entre a vivência da velhice e a autopercepção dela, o psicanalista francês Jack Messy (1999, p. 15) traz uma citação do autor Oscar Wilde, presente no icônico romance “O retrato de Dorian Grey”: “A tragédia da velhice não é envelhecer, mas permanecer jovem”. Com essa referência literária, o autor fala sobre a contraposição entre a imagem de “eu ideal” *versus* o que chama “eu feiura”, em alusão ao conceito de estádio do espelho de Lacan. Na velhice haveria o “tempo do espelho quebrado”, através do qual se tem a percepção de uma imagem medonha, fracassada diante de uma imagem antes ideal (Messy, 1999, p. 32).

Seguindo nessa linha, a psicanalista Delia Goldfarb (1998) afirma que a percepção da velhice é sempre algo que vem “de fora” e que isso “localiza o sujeito em um novo tempo” (Goldfarb, 1998, p. 3). Segundo a autora:

(...) quando o velho se olha no espelho, (ou no olhar dos outros) este lhe devolve uma imagem ligada a uma deterioração das capacidades corpóreas e de perda de beleza, imagem na qual o idoso não se reconhece e diz: “esse não sou eu”. Nos encontramos novamente ante uma discrepância entre a imagem inconsciente do corpo e a imagem que o espelho lhe devolve. A imagem do espelho representa o outro em que o idoso não se reconhece. (Ibid., p. 3)

Diante disso, a percepção da entrada na velhice é anunciada por algo ou alguém externo ao sujeito e a constatação dessa nova realidade pode ser difícil de processar. Goldfarb (1998, p. 3) nomeia como “espelho negativo” esse momento de estranheza sobre a própria imagem, também associada ao choque quanto ao valor social que a nossa cultura atribui a essa fase da vida que é a velhice.

No caso em questão, o anúncio da velhice chegou a Miguel por meio de um protocolo hospitalar. Seu filho faria uma cirurgia importante e a participação dele nesse momento de extrema angústia e tensão (tanto para ele quanto para o filho) foi vetada pela política do hospital, que não permitia que pessoas acima de 70 anos fossem acompanhantes dos pacientes internados. Para Miguel, esse evento foi um duro golpe narcísico, pois foi uma presunção de incapacidade que não condizia com a realidade, deixando-lhe com sentimento de revolta e impotência. Miguel gozava de boa saúde e, portanto, ser barrado de acompanhar seu filho pelo critério de idade foi como se lhe tivessem dado um atestado de inaptidão ou fragilidade, mesmo que estivesse com plenas faculdades.

Seguindo na compreensão dos impactos da velhice, Messy (1999, p. 18) aponta duas dimensões do envelhecimento: a aquisição e a perda, compreendendo que “só perdemos aquilo que possuímos”. Dessa maneira, chama atenção para esse aspecto aquisitivo pouco explorado nas discussões sobre a velhice, que costumam focar nas perdas.

Nesse sentido, falando sobre aquisições associadas ao processo de constituição imaginária do ego, o autor afirma: “na realidade cotidiana isso significa que, sem sabermos, moldamo-nos à imagem de um outro, por quem nutrimos afetos de qualquer natureza. [...] O ego é, pois, constituído de um depósito de camadas de imagens investidas” (Messy, 1999, p. 19).

Ainda sobre o processo de constituição do sujeito, Goldfarb afirma que a construção da imagem do “eu ideal” é feita “a partir de uma identificação com o desejo de um outro que está fora. Podemos então dizer que esse espelho em que a criança se reconhece não é mais que o olhar desejante da mãe que lhe outorga determinados atributos com os quais ele se identifica” (1998, p. 3).

Analisando o caso de Miguel à luz de ambas as citações, nota-se que há alguma identificação dele com o desejo materno que lhe foi enunciado na ocasião da sua mudança para a casa da tia. Algo referente a uma imagem de alguém que “vence na vida” ou que tem um “futuro melhor, mais promissor” parece ter sido introjetado e assimilado na formação desse sujeito. Essa imagem parece que passou a constar de alguma forma na sua representação de “eu ideal” e, portanto, um alvo a ser perseguido.

Em tempo, cabe salientar que há uma distinção entre “eu ideal” e “ideal de eu”, uma vez que o primeiro se refere a uma identificação primária, bastante rígida e muitas vezes inalcançável; já o segundo é uma instância mediadora que surge justamente para atenuar a tensão na lacuna entre o “eu ideal” e o “eu”. Conforme Lopes e Peixeiro (2023, p. 292) explicam, o “ideal de eu” atua sobre esse conflito fazendo uma relativização, uma negociação entre as instâncias tensionadas, através da articulação do registro imaginário com o registro simbólico. No caso de Miguel, a ideia de “vencer na vida” parece carregar algo do “ideal de eu” também; algo que foi perseguido e que mobilizou o seu desejo. Contudo, de acordo com as autoras, no momento do espelho quebrado (na tensão entre o “eu feiura” e o “eu”), cabe também ao “ideal de eu” atuar na busca por um ideal plausível: “[...] realizando os redimensionamentos necessários para reaver um lugar desejável ao eu, apoiando-se em capacidades sublimatórias e investimentos possíveis que dão lugar à elaboração das perdas relativas ao corpo, aos objetos de amor e aos lugares sociais” (Ibid., p. 292).

No caso de Miguel, parece que esses processos de elaboração ainda estavam buscando espaços para existir. Convém lembrar que o seu período da infância foi marcado por duras perdas e essas sensações de faltas, ausências e privações podem (e inevitavelmente vão, se não forem elaboradas) se repetir de algum modo na velhice. Desse modo, podem haver defesas psíquicas impedindo o contato com determinados conteúdos e afetos importantes para o redimensionamento desses ideais.

Nesse sentido, para Miguel a dimensão do trabalho produtivo foi fundamental para a

compreensão de si próprio e sua valoração como cidadão no mundo, durante toda a sua trajetória de vida. No entanto, penso no quão dispendioso deve ter sido a sensação de ter que continuar perseguindo esse ideal durante tanto tempo, mesmo agora na velhice e em um cenário em que a escassez de recursos já não era mais uma realidade. Sinais dessa exaustão apareciam na vida atual de Miguel através da ambiguidade que demonstrava em relação ao trabalho, pois ao mesmo tempo em que ele queria voltar a sentir o êxtase do trabalho produtivo e supostamente relevante, ele relutava em aceitar as oportunidades que chegavam, dando justificativas variadas para as negativas: ou o projeto não lhe era interessante, ou já se imaginava cansado do deslocamento, ou as entregas iriam coincidir com uma viagem que já estava planejada, entre outras.

Quanto ao aspecto das perdas na velhice, Messy (1999) aborda a aposentadoria como uma delas. O autor afirma que a perda do trabalho pode ser muito importante para o sujeito, na medida em que esse ofício está em lugar de objeto investido e fornece uma certa quantidade de imagens narcísicas a esse sujeito. Assim, chama atenção para o elevado número de casos de depressão após a aposentadoria.

No caso de Miguel, não se observava um processo depressivo instalado, mas uma dificuldade de percepção (e aceitação) de que sua relação atual com o trabalho não era a mesma de outrora. Ao mesmo tempo em que ele mostrava um cansaço e falta de disposição, ele ainda ficava na expectativa de um novo projeto desafiador, resgatando nas suas lembranças seus sucessos profissionais. Em minha leitura, tratava-se menos de uma expectativa real de um acontecimento futuro e mais de um desejo de reviver sensações que um dia estiveram tão presentes e lhe fizeram sentir-se tão bem.

Quanto a isso, gostaria de citar o que diz Goldfarb (1998) sobre a questão da reminiscência, definindo-a como uma forma especial de fantasia desenvolvida na velhice que é a insistência da história de fatos vividos que foram constitutivos da identidade do ser, “de um ser que insiste em permanecer. É como se o velho reminescente dissesse: “o tempo passou, mas eu continuo aqui. Sou velho, mas em algum ponto sou sempre o mesmo” (p. 4). Contudo, diferentemente do que seria um velho nostálgico, que fala das suas lembranças com tristeza ou raiva, o velho reminescente fala do passado com orgulho e satisfação, tal qual Miguel costumava fazer.

A autora afirma que a reminiscência não representa um sinal de decrepitude nem de depressão, mas um elemento que articula as dimensões temporais (passado, presente e futuro) visando dar sentido à realidade e à continuidade do ser. Segundo ela, a reminiscência surge a partir da perda significativa de objetos que são difíceis de substituir e, com isso: “o montante de energia livre que não encontra objetos substitutivos será reinvestido em uma imagem ideal do próprio Eu que estará sempre no passado. [...] Quando não é possível investir no porvir, o Eu se defende da destruição investindo no passado idealizado” (Goldfarb, 1998, p. 4).

No entanto, há de se pensar que quando esse ideal de Eu é muito alto, o redimensionamento da vida na velhice fica muito difícil, pois torna-se mais complicado encontrar objetos substituíveis. Assim, diante de um passado profissional bem-sucedido associado ao fato de que o trabalho sempre atuou como ponto central na

organização da sua vida, o que significaria para Miguel existir sem o trabalho (ou a perspectiva dele)? Nesse sentido, retomo a citação de Goldfarb (2004 *apud* Peixeiro e Barbieri 2018, p. 8): “quando a perda não pode ser reconhecida, introduzida no circuito simbólico, o trabalho de luto se torna impossível. O não reconhecimento da perda não abre espaço para o luto”. Na vida de Miguel, parece que ele ainda não estava preparado para reconhecer a perda do trabalho que era quase como um pilar de sustentação de sua existência.

Sobre os aspectos traumáticos da entrada da velhice, Peixeiro (2015) descreve a crise psíquica vivida nessa mudança de fase de vida, que leva o sujeito a passar por uma desorganização interna que, por sua vez, o interpela ou para uma estagnação ou para um redimensionamento da vida. A estagnação ocorre quando a desorganização é acima do que o sujeito consegue lidar para se reorganizar e, com isso, podem aparecer sintomas como desânimo, paralisia ou desinvestimento de projetos que estavam em andamento. Já quando é feito um redimensionamento da vida, o sujeito pode “rever e readaptar projetos diante da nova condição, uma condição que inclui a fragilização, os limites” (Peixeiro, 2015, p. 4).

No caso de Miguel, notava-se um contexto de estagnação, observável a partir de sua já supracitada postura de espera sobre novos trabalhos, além de queixas sobre cansaço e da sua rotina empobrecida.

Para conseguir fazer um redimensionamento da vida a partir da crise da entrada na velhice, Peixeiro (2015) traz dois aspectos importantes: aspectos plurisubjetivos e intrasubjetivos. Os primeiros se referem à rede social que o sujeito possui, assim como os valores culturais nos quais está imerso e as perspectivas possíveis para esse redimensionamento de vida. Já os aspectos intrasubjetivos dizem respeito à constituição psíquica do sujeito e, nesse sentido, o nível de rigidez (ou flexibilidade) psíquica é um ponto crucial para conseguir lidar com perdas, separações e ter condições de simbolização.

Peixeiro (2015, p. 4) explica que: “a rigidez psíquica seria justamente a dificuldade de retirar o investimento de determinados objetos para poder investir em outros, além da restrição de objetos investidos”. No caso de Miguel, notava-se uma dificuldade dele em estabelecer planos que interpusessem o seu presente e o seu futuro e, assim, um redimensionamento da sua vida parecia ainda não ser possível.

Ainda sobre o papel e a função do trabalho na vida de Miguel, retomo uma citação da mesma autora sobre simbolização e perdas, na qual ela afirma que: “a entrada na velhice demanda um arcabouço de recursos psíquicos de uma vida toda, recursos que são constituídos sobretudo na primeira infância, remetendo à maneira como construímos nossa maneira de se relacionar com os objetos” (Peixeiro, 2015, p. 4). Diante dessa citação, ao pensar que a primeira infância de Miguel foi constituída de perdas tão duras (a morte do pai e o posterior afastamento da mãe e dos irmãos), pergunto-me qual seria esse arcabouço de recursos psíquicos que ele possui para lidar com as perdas da velhice e o que seria (ou será) possível de ser construído como perspectiva de vida, afinal.

A respeito do retorno das memórias de infância (sobretudo aquelas referentes ao afastamento do seio familiar em tenra idade), acredito que de alguma forma o

psiquismo de Miguel parecia agora permitir que essas lembranças fossem retomadas, uma vez que ele não precisava seguir um *modus operandi* de quem vivia lutando pela sobrevivência. Penso que durante a sua “vida produtiva” não havia espaço (nem energia disponível) para recordar essas perdas tão dolorosas. Em referência ao texto freudiano “Lembranças encobridoras” de 1899, Goldfarb (2005, p. 186) afirma:

O que mais nos interessa neste trabalho é a ideia de que a memória não atua de forma aleatória e que algumas recordações surgem para impedir o aparecimento de outras, mais conflitivas, às quais estão associadas. Neste sentido, as lembranças teriam uma função de preservação do sujeito na medida que bloqueia o acesso ao que o faria sofrer demais.

Assim, retomando teorias freudianas, a autora aponta que a lembrança atual é um “produto de um processo temporal modificador” (Goldfarb, 2005, p. 186), uma vez que o sujeito que lembra daquele fato já não é mais o mesmo que o vivenciou. Dito isso, ela afirma que a recordação é atravessada pelo desejo atual que ressignifica as recordações (e, com isso, a própria história do sujeito) à luz do tempo presente. “Neste sentido, a lembrança não seria um resgate, mas uma construção” (p. 186). Pergunto-me, então, qual seria o desejo atual de Miguel, subjacente a essas memórias, e qual seria a sua construção a partir disso. Talvez na elaboração dessas perdas esteja a chave para uma possibilidade de redimensionamento da sua vida.

Ademais, a mesma autora afirma que “há um sofrimento necessário para nos constituirmos como pessoas maduras. O ser humano confrontado com a dor cria uma dimensão temporal, pois abre uma expectativa de futuro, quando a dor acabe e o reencontro com a felicidade seja possível” (Goldfarb, 2005, p. 199). No caso de Miguel, essa dimensão temporal teria sido aberta? Pergunto-me, pois era como se ele não percebesse que a felicidade lhe era possível, assim como o desfrutar da vida que tinha, uma vez que a dor de ter que “vencer na vida” passara (ou poderia passar).

Goldfarb (2005) segue em seu texto apontando que quando o sofrimento é excessivo, esse processo é impossível de ser realizado pelo sujeito. Explica que o sofrimento excessivo seria aquele que não pode ser metabolizado/elaborado, que não permite aprendizado, o que parecia ser a situação de Miguel:

[o sofrimento excessivo] deixa no psiquismo um buraco, um vazio, pois é o vazio de representação simbólica. Vazio onde não há luto possível, pois não há objeto. Por isso afirmo que podemos entender o fenômeno demencial como o produto da falta de um ‘trabalho de luto’, uma recusa à aceitação da perda que bloqueia o processo elaborativo. Assim, o que caracteriza o processo é o vazio, onde nenhum objeto pode ser recuperado. Uma impossibilidade de agir, desejar... e quando o sujeito não deseja perde a possibilidade de fazer projetos, de se lançar ao futuro...perde sua identidade. (Goldfarb, 2005, p. 199)

Nesse sentido, entendo que os lapsos de memória que Miguel vinha apresentando nos últimos anos podem ser entendidos como um sintoma dos trabalhos de luto não realizados, sobretudo aqueles referentes à perda do pai e seu consequente afastamento do seio familiar. Diante da dificuldade de reconhecer e acolher os

sentimentos ambivalentes sobre a sua mãe, o luto dessa perda tão dolorosa parecia não ter sido elaborado e, mesmo sendo difícil de ser encarado, agora na velhice, abria-se uma possibilidade para isso.

Assim como os esquecimentos, penso que a dificuldade de redimensionar a sua vida no contexto da aposentadoria também estava vinculada a esse luto da infância não realizado, uma vez que Miguel ainda se via em busca do mesmo ideal de Eu que lhe foi transmitido pela sua mãe naquela ocasião e não conseguia se identificar com outras imagens de si agora na velhice.

Considerações finais

Ao falar sobre os mecanismos biológicos do envelhecimento, Lamour (1990, *apud* Goldfarb 2005, p. 192) faz uma analogia entre um computador e a pessoa humana: o *hardware* seria equivalente ao sistema nervoso (neurônios, fibras nervosas etc.), que está sob o domínio da neurologia, e o *software* seria o que estaria sob o domínio da psicologia e da psicanálise. Desse modo, para uma compreensão adequada do funcionamento humano, deve-se levar em conta ambos os aspectos.

No caso de Miguel, o seu *hardware* seguia funcionando perfeitamente bem, conforme atestado pelos vários exames neurológicos que realizou. Quanto ao *software*, parece que o desejo de esquecimento da realidade atual vinha apresentando efeitos na preservação da sua memória. Conforme Goldfarb (2005, p. 191) aponta: “os melhores métodos diagnósticos não dão conta dos pensamentos, dos afetos, das emoções, dos conteúdos das lembranças, dos lutos impossíveis e, fundamentalmente, da especial significação dos esquecimentos”. Sendo assim, as dificuldades de realizar o trabalho de luto das perdas tanto do trabalho quanto da sua infância pareciam reverberar em um tempo presente esvaziado de sentido e, com isso, indigno de ser lembrado.

Para uma pessoa tão diligente, debruçada sobre as ciências exatas e que sempre foi funcional e independente como Miguel, era difícil aceitar que seus sofrimentos presentes poderiam ter raízes subjetivas. Entendendo que os sintomas têm uma função de sinalizar necessidades, sejam elas conscientes ou não, seria importante compreendermos a função que os esquecimentos podem exercer para uma sobrevivência possível. No entanto, o discurso biomédico hegemônico não contempla as sutilezas psíquicas que podem estar envolvidas no processo demencial, o que corrobora muitas vezes a resistência frente a cuidados que podem ser ofertados para essa escuta subjetiva, como a psicoterapia ou mesmo para projetos de vida possíveis como no AT.

Referências

BARBIERI, Natália Alves. **Doença, envelhecimento ativo e fragilidade: discursos e práticas em torno da velhice**. 2014. 199 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2014.

GOLDFARB, Delia Catullo. Corpo e temporalidade: contribuições para uma clínica do envelhecimento. **Revista Kairós – Gerontologia**, São Paulo: Educ, ano 1, n. 1, 1998.

GOLDFARB, Delia Catullo. É melhor esquecer: reflexões sobre a memória e o

fenômeno demencial. In: Beltrina Côrte, Elizabeth F. Mercadante, Irene Gaeta Arcuri. (Org.). **Velhice. Envelhecimento Complexidade**. São Paulo: Vetor, 2005, v. 1, p. 185-206.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa; PEIXEIRO, Maíra Humberto. Espelho quebrado: o inevitável confronto com a velhice e a finitude. In: FLORSHEIM, David B. (Org.). **Vozes da psicanálise – Clínica, teoria e pluralismo** – Volume 4: 1991-Atualidade. São Paulo: Blucher, 2023. p.289-293

MESSY, Jack. **A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice**. São Paulo: Editora Aleph. 1999.

PEIXEIRO, Maíra Humberto; BARBIERI, Natália Alves. Acompanhamento terapêutico no envelhecimento: envelhecer ou esquecer, eis a questão. In: **Clínica em trânsito: acompanhamentos terapêuticos**. GERAB, Cristiana; FARES, Márcia; BONOMI, Tomás (Orgs.) São Paulo: Escuta, 2018.

PEIXEIRO, Maíra Humberto. O traumático na entrada na velhice. **Anais do Congresso Iberoamericano De Psicogerontologia**. La Paz, Bolívia, 2015.

Data de recebimento: 15/04/2026; Data de aceite: 10/05/2026

Paula de Almeida Costa - Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), atua como Acompanhante Terapêutica desde 2023, tendo formação inicialmente pelo Instituto A Casa e posteriormente um aprofundamento no campo do envelhecimento pelo curso "Acompanhamento Terapêutico no envelhecimento – um dispositivo clínico" pela Clínica Tempo e Portal do Envelhecimento e Longeiver. Possui uma primeira graduação em Administração pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), atuou por oito anos com finanças e projetos no contexto corporativo, mas iniciou uma transição de carreira para a Saúde Mental, Psicologia e Psicanálise a partir da pandemia de COVID-19. Contato: paulacosta.pac@gmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.